

FISURAS NA VITRINA

arqueoloxía +/- arte contemporánea



sepultura da quinta da água: a ourivesaría como textura crítica

Surge esta proposta com a arrogante pretensão de aproximar o público das manifestações culturais consideradas, em muitas ocasiões, como elitistas: a arqueologia e a arte contemporânea. A primeira, marcada pela sua dimensão “aurática” e, a segunda, desprezada pela ausência dessa característica.

O objetivo principal é a apreciação do achado arqueológico como ideia; a museologia tradicional encasula numa gaiola de ouro os objetos arqueológicos, negando-lhes a oportunidade de transmitir os seus valores como documentos e produtos estéticos. O achado da Quinta da Água Branca funciona enquanto Macguffin argumental: os parâmetros fundamentais de interpretação do enterro e da Idade de Bronze serão exprimidos a través das obras expostas.

O espetacular enxoval áureo da sepultura da Quinta da Água Branca, uma tiara decorada, dois anéis e duas espirais, acompanhados dum punhal de cobre arsenical, publicado por José Fortes em 1906, será vinculado com uma seleção de peças de arte contemporâneo galego, as quais recorrem à textura metálica desde diversas interpretações. Assim, o espetador é obrigado a refletir desde distintos pontos de vista sobre os objetos e o material com que foram elaborados. Mas também será levado a refletir sobre a morte, o poder, a individualização, o acúmulo da riqueza, a divisão de géneros, o início da territorialização e da criação das fronteiras.

Os conhecimentos sobre esta época da pré-história permitem alargar a percepção que temos de nos próprios e do nosso passado. Exemplo disso é uma personagem achada casualmente durante a realização de trabalhos agrícolas no lugar de Brea, pertencente à freguesia de Lovelhe, em Vila Nova de Cerveira, situada no interior de uma “cista” de pedra, com uma tiara de ouro no crânio, enquanto refletimos sobre a vigência de todos estes conceitos do nosso presente e sobre como queremos encontra-los no nosso futuro.

As peças escolhidas foram realizadas segundo o fio argumental da ourivesaria como textura, que aplicada sobre qualquer material, possui o poder de conferir á cada uma das peças um distinto significado. Muitas das obras da coleção incidem na ideia do que poderia ser o achado por excelência na arte: o “object trouveé”. Os objetos achados são, em primeiro lugar, comuns, mas são transformados pela mão do artista, por descontextualização poética, e acabam convertidos em arte, ganhando uma nova vida, neste caso, pelo fato de serem dourados ou prateados.

Para além disso, a seleção de peças escolhe artistas próximos da lógica arqueológica pelo seu trabalho com o achado e a reelaboração de materiais comuns, vulgares, que já não possuem valor de uso, são restos, quincalla, sucata... Em definitiva, seguindo o caminho de Robert Morris, os resíduos que a cidade deixa pelas esquinas e que constituirão a arqueologia do futuro.

Os e as artistas que compõem esta exposição têm muito presente o mundo em que vivem, porque reconhecem a sua própria história e apropriam-se da ideia desta Bienal: “olham ao passado para construir o futuro”.

Nilo Arias oferece a sua pessoal interpretação da bacia de barbeiro que costumava usar Don Quixote como se fosse um elmo; resgata do universo simbólico espanhol um objeto e cria o seu sócia, a quem confere uma dourada e ultra-dimensionada corporeidade. Esta peça remete para o mecanismo de deificação irónica que Sherry Levine proporciona à obra de Duchamp, o Urinol quando é duplicado e lhe dá uma textura dourada. Esta obra seminal da história da Arte contemporânea, um “ready made”, antes foi achado um “object trouvé”.

Manuel Vidal utiliza a pátina dourada como mecanismo explícito de estranhamento do objeto esteticamente atacado, criando peças de profunda significação poética, com múltiplas leituras de tipo formal, mas também como crítica social.

Amaya González aprofunda no conceito de valor que advém da economia atual. Aquela que cria modos de viver onde só existe o brilho, o eco do valor real, a sua textura: sociedades líquidas, espectrais. A textura do metal nobre dourado ou prateado e a sua associação com a ideia de poder temporal, espiritual, intelectual, político... que será utilizada por todas e todos os artistas.

Xurxo Oro embalsama a ideia de pessoa utilizando como alma escultórica manequins, couraçados mediante pedaços de aço de inox que foram soldados individualmente. Apresenta corpos feridos e corpos ferentes que saram os seus estigmas a través do ritual da arte.

Xoán Anleo, numa permanente “flaneurie” de homem fascinado pela cópia, pelo brilho e pelo Kitsch, encontra objetos sem nome próprio, dá-lhes forma e depois estes são reproduzidos em bronze, sobre os quais acrescenta uma camada de prata. O autor fala da estratigrafia de sentidos que cabem no ato de apreciação de qualquer objeto, também o artístico. Tal vez este artista seja capaz de transportar-nos ao futuro longínquo desse objeto e ao cuidado com que a arqueologia o analisará, sabendo tudo o ele detém.

Rubén Santiago, representante do discurso da crítica institucional militante, recolhe esqueletos da pombas que povoam o nosso quotidiano aos milhares. Junta os seus restos e aplica-lhes folha de prata. Com este processo visibiliza estes resíduos de seres vivos, pássaros por vezes considerados formosos, por vezes enfadonhos... De forma semelhante ao que acontece com as pessoas do mundo atual, as quais, segundo as estatísticas, não possuem um valor constante.

Laura Piñeiro cria o seu universo a partir do conteúdo de um costureiro: encontra objetos brilhantes, restos de adornos, de tecidos, linha... e concebe obras ao serviço da luta contra os preconceitos associados ao universo simbólico da mulher. Com dedais e agulhas constrói elmos e floretes, assumindo como feminina a condição de guerreira, heroica, sempre associada ao género masculino.

Ana DMatos centra-se no ritual da morte como imensa fonte de desenvolvimento estético do ser humano desde o início dos tempos. A partir do desenho anatómico de uma caveira gravada sobre seda, vai encarnando-a, pessoalizando-a mediante missangas e bordados em fios de prata. Como se fosse um sudário, esta peça constitui uma página mais do livro da História da Humanidade, no qual a cultura material que criamos fala de modo eloquente sobre as ideias que regem os códigos de conduta das sociedades que a geram.

